

A DOR SILENCIOSA DOS PAIS DE FILHOS NATIMORTOS E NEOMORTOS*Helainy Lisboa Batista Carneiro¹**Andréia Alves Rodrigues²**Marília Santana Alves³***RESUMO**

A morte do bebê é fonte de grande dor para seus pais, pois toda a idealização e sonhos criados acerca da criança são bruscamente desconstruídos e substituídos pelo luto. O presente trabalho busca observar os impactos psicológicos da perda do filho pais de natimortos e neomortos, considerando a perspectiva do pai quanto ao enfrentamento dessa perda. Trata-se de uma abordagem qualitativa de caráter transversal e descritivo, em que dois casais que vivenciaram esse óbito foram entrevistados. Para ambos os casais, ter um filho fazia parte de um planejamento que respeitava uma organização estrutural e material, de modo que a perda do bebê se torna um momento também de decisões, apesar da intensa dor vivenciada. Observou-se que as diferenças sociais acerca do gênero interferem na experiência de dor, atentando para a importância do auxílio psicológico para enfrentar esse momento, ajudando a compreender a breve e significativa presença desse filho.

Palavras chave: Impactos psicológicos; Luto; Pais de natimorto.

ABSTRACT

The death of babies is a source of huge pain for its parents, since all the idealization and dreams created about the child is abruptly deconstructed and replaced by mourning. The present study seek to observe the psychological impact of the loss in stillborn's parents and newborn's parents, considering parent's perspectives on facing this loss. This is a qualitative approach with a cross-sectional and descriptive character study, in which two couples who experienced this death were interviewed. For both couples, having a child was part of a planning that respected a structural and material organization, so that the loss of the baby becomes a moment of decision also in spite of the intense experienced pain. It was observed that social differences about gender interfere with the experience of pain, paying attention to the importance of the psychological help to face this moment, helping to understand the brief and significant presence of this child.

Keywords: Psychological impacts; Mourning; Stillborn's parents.

INTRODUÇÃO

A mulher contemporânea segue um caminho histórico e cultural no que tange à concepção de gravidez no imaginário social, mediante a importância dada à maternidade, entendida como “um

¹ Faculdade de Saúde Ibituruna (FASI), Graduação em Psicologia, E-mail: helainylisboa@gmail.com.

² Faculdade de Saúde Ibituruna (FASI), Graduação em Psicologia, E-mail: andreaalvesrodrigues87@gmail.com.

³ Mestre em Ciências do Comportamento pela Universidade de Brasília (UnB), Graduação em Psicologia pela Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ), professor Faculdade de Saúde Ibituruna, E-mail: mahsantanaa@gmail.com.

Autor para correspondência, endereço: Av. Corinto Crisóstomo Freire, 600. Bairro Morada do Parque. Montes Claros-MG, telefone: (38) 9915-6309 Fax: (38) 3690-6600 E-mail: mahsantanaa@gmail.com E-mail alternativo: helainylisboa@gmail.com

A DOR SILENCIOSA DOS PAIS DE FILHOS NATIMORTOS E NEOMORTOS

caminho de plenitude e realização feminina” (VELASCO; MAGALHÃES, 2013, p.16). O bebê tão esperado, que representa uma reconstrução de vida para a família, tem seu lugar idealizado como novo membro familiar e condutor de felicidade. Essa idealização muito comum e natural entre as mães potencializa fantasias e identificações com o bebê, engendrando o vínculo mãe-filho desde a gestação (LOVATO; KRUEL, 2012).

Todavia, quando são contrários os resultados esperados, a dor da perda toma o lugar dos sonhos e das idealizações, experienciam-se múltiplos sentimentos e questionamentos sobre o motivo da perda. A mãe que sofre perdas fetais é ferida narcisicamente, pois o bebê não é um objeto exterior, mas faz parte do corpo da mulher. A grávida que esperava um bebê idealizado volta para casa de braços vazios e terá que conviver com esta falta (FREIRE, 2012).

Essa perda traz para os pais a interrupção de todo o planejamento de uma nova e feliz realidade outrora criada, causando sentimentos de frustração, incapacidade, culpa, vergonha, raiva, negação e muitos outros (LOVATO; KRUEL, 2012). Esses sentimentos conduzem a uma carga emocional em que o processo de luto torna-se gradual, demandando um tempo para a elaboração, que precisa ser respeitado, a fim de que os enlutados possam reorganizar suas representações acerca da pessoa perdida.

Kluber-Ross (2008) apresenta cinco estágios diferentes que descrevem os mecanismos psíquicos de enfrentamento e elaboração do luto de morte ou de qualquer perda significativa vivida pelo sujeito. Assim, cada pessoa apresentará, pelo menos, dois dos cinco estágios seguintes: negação e isolamento, raiva, barganha, depressão e aceitação. A sequência não é determinada e pode ser observada de forma aleatória.

Na fase de negação e isolamento, a pessoa cria suas próprias defesas diante da dor, o sofrimento se instala com uma intensidade e duração subjetiva. A fase da raiva surge quando a negação não pode mais ser sustentada, e o sujeito passa a vivenciar suas relações, tanto sociais quanto profissionais, com muitos conflitos, sentimentos de revolta, inveja e ressentimento. Na tentativa de voltar a ser como antes da perda, a fase da barganha se apresenta como uma possível mediadora entre o sofrimento e seu causador, com promessas e acordos por parte da pessoa enlutada começando consigo mesmo. Fazem-se promessas a Deus de ser uma pessoa melhor pra si mesma e para as pessoas à sua volta, que irá ter uma vida mais saudável, caso saia daquela situação de luto. Tendo todas suas tentativas de desvencilhar-se da dor da perda frustradas, surge a depressão em que a pessoa é acometida por um sofrimento profundo e a perda é claramente sentida com uma mescla de sentimentos e incapacidade. Por fim, na aceitação, a pessoa apropria-se de sua realidade, as emoções estão mais elaboradas e uma consciência sobre a realidade é aceita, não é o momento feliz,

A DOR SILENCIOSA DOS PAIS DE FILHOS NATIMORTOS E NEOMORTOS

mas é um estágio que deve ser alcançado para um equilíbrio psíquico (KLUBER-ROSS, 2008).

Barbeiro (2015) aponta no Brasil que os óbitos neonatais ocorrem em 10,97 para cada 1.000 nascimentos. Entretanto, observa-se uma redução da mortalidade fetal, sendo que nos três primeiros meses gestacionais os óbitos neonatais são menores que três milhões em todo o mundo.

É importante considerar a diferença entre o feto natimorto e o neomorto. O natimorto é quando a morte do bebê ocorre dentro do útero e neomorto quando a morte ocorre até o sétimo dia do nascimento (MUZA et al., 2013). As mães dos bebês que têm uma gestação tranquila até o final recebem a notícia de morte como algo impossível de acontecer. Enquanto que as mães dos bebês que já tinham um diagnóstico e o conhecimento de uma má-formação recebem a notícia da morte com uma maior aceitação.

Velasco e Magalhães (2013) realizaram um estudo que teve o objetivo de estudar as repercussões emocionais da vivência da mulher diante da gestação molar e suas implicações psicossociais. Para tanto, foram realizadas entrevistas com cinco mulheres em acompanhamento semanal na Maternidade da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. Concluiu que a perda gestacional é repleta de sofrimento levando a mulher a se sentir inferior e fracassada em sua missão social de perpetuar a espécie. A família, sendo o centro de referência, tem papel fundamental para a elaboração da perda, e a mulher se impõe singularmente ao processo de perda.

Lovato e Kruehl (2012), com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre diferentes dores em uma maternidade, observaram mães durante quatro meses na Unidade Obstétrica de um Hospital Municipal de Santa Maria/RS. Os resultados mostraram que as dores do parto, da amamentação e da perda de um filho podem ocasionar transformações no psiquismo da mãe e dos familiares. Tais dores observadas podem ser muito intensas para a mulher, sendo experiências singulares, as quais podem ser captadas através de uma escuta apurada da equipe de saúde, em especial pelo psicólogo.

Muza et al. (2013), em sua pesquisa, procuraram conhecer o significado da perda perinatal para famílias enlutadas. Utilizaram como instrumentos um prontuário psicológico do serviço de psicologia da maternidade e uma entrevista semiestruturada de avaliação pós-óbito. Foram entrevistadas cinco famílias que vivenciaram o óbito perinatal numa maternidade de Brasília, entre a 23^a e a 34^a semana de gestação. Os resultados demonstraram que o luto sofrido pelas famílias ainda recebe pouco apoio social das instituições e da psicologia hospitalar, que deve ter um papel fundamental junto a essas famílias, no sentido de prevenir traumas futuros e evitar o luto patológico e gravidezes reparadoras.

Todavia, as pesquisas citadas ainda apresentam limitações quanto à apresentação de estudo e

A DOR SILENCIOSA DOS PAIS DE FILHOS NATIMORTOS E NEOMORTOS

discussão com relação ao enfrentamento da perda do filho a partir da perspectiva do pai, as quais trazem mais dados a partir da perspectiva da mãe. Também, ainda parece muito limitado o conhecimento acerca dos aspectos psicológicos envolvidos na perda gestacional e o luto. Essas problemáticas se tornam então alvo de investigação, conhecimento e devolutiva da presente pesquisa, que se justifica pelo interesse em observar como esses pais lidam com os impactos psicológicos advindos da perda e quais recursos podem ser utilizados para a elaboração e enfrentamento. Acredita-se que, diante da dor, a fala pode possibilitar a criação de um repertório melhor nesse percurso, e diante das insensibilidades sociais e profissionais no que tange o cuidado para com esses pais enlutados.

Desse modo, o presente estudo objetivou observar os impactos psicológicos da perda do filho para os pais, compreendendo o percurso da dor e do luto, desde o sentido do parto até as possíveis consequências traumáticas para uma nova gestação.

MÉTODO

O presente trabalho pautou-se no método qualitativo, de corte transversal e caráter fenomenológico, procurando estudar fenômenos nos termos das significações que as pessoas trazem para estes. O instrumento da coleta de dados foi uma entrevista semiestruturada baseada na entrevista utilizada por Velasco e Magalhães (2013). Essa entrevista seguiu um roteiro com onze questões que foram respondidas pelos participantes, com assuntos sobre período da gestação, planejamento e risco da perda, desejo de reparação, o contato, a despedida do filho natimorto e quais os sentimentos em relação a todo esse processo.

A população do referido estudo foi composta por pais e mães que vivenciaram o óbito fetal e que participam de um Grupo de Pais de Bebês Natimortos (nome fictício). O grupo se reúne via online através do aplicativo whatsapp, não apresentando nem data e nem hora marcada para acontecer, de modo que a qualquer momento se inicia uma conversa, em que todos os integrantes têm acesso e podem participar igualmente.

As amostras foram tomadas de forma não probabilísticas do tipo voluntária por ser a mais indicada nesse tipo de procedimento, que pode ser difícil e doloroso para os participantes devido à rememoração do momento da perda. Assim, foram selecionados quatro participantes, indicados pela coordenadora do grupo e também participante da amostra, sendo casais em união estável. O pai de Pedro (nome fictício) tem 39 anos e a mãe 35, são casados há 5 anos e perderam o bebê há um ano e

A DOR SILENCIOSA DOS PAIS DE FILHOS NATIMORTOS E NEOMORTOS

dois meses devidos a várias más formações. O pai de Livia (nome fictício) tem 40 anos e a mãe 30, são casados há 8 anos e perderam o bebê há um ano e cinco meses por parada cardíaca, o bebê nasceu com apenas seis meses de gestação.

A pesquisa foi explicada e agendada na residência, a fim de garantir a privacidade aos entrevistados, que foram entrevistados individualmente por cerca de uma hora. As pesquisadoras responsáveis aplicaram os instrumentos na seguinte ordem: explicação e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), apresentação do roteiro para a entrevista e gravação em áudio das respostas dos participantes, que foram transcritas na íntegra e desgravadas após. O presente estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da Soebrás, com o Parecer 1.758.552/16, sendo executado somente após essa aprovação.

As entrevistas tiveram seu conteúdo submetido à análise fenomenológica, identificando todos os assuntos abarcados. Na análise fenomenológica, procura-se compreender o significado dos acontecimentos para as pessoas a partir de sua própria perspectiva, em situações particulares, de modo a compreender como cada indivíduo percebe e vive a situação. A intenção é chegar o mais próximo da natureza das coisas, aprofundando em sua realidade existencial, através de uma compreensão mais ampla por meio da descrição do conteúdo vindo do sujeito (UFPE, 2006).

Desse modo, o pesquisador precisa ter uma visão geral a respeito do objeto para observá-lo em sua totalidade e para criar unidades significativas do fenômeno e, posteriormente, interpretá-las, sintetizando-as a uma interpretação geral do fenômeno. Nesta perspectiva o pesquisador deve colocar seus conhecimentos e impressões entre ‘parênteses’, a fim de suspender pré-julgamentos diante do objeto de investigação. Assim, é possível compreender o fenômeno em sua essência, utilizando posteriormente o conhecimento posto entre ‘parênteses’ para confirmar ou refutar sua hipótese (UFPE, 2006).

Destarte, pretendeu-se levantar as opiniões, experiências, sentimentos e expectativas da família e compreender as situações vivenciadas por eles no momento da perda e suas implicações no papel paterno e materno. Para tanto, os conteúdos das entrevistas foram submetidos a uma pré-análise, da qual emergiram as seguintes categorias: história da gestação, os pais diante da morte do filho e a despedida do bebê.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

História da gestação: planejamento e risco da perda

A DOR SILENCIOSA DOS PAIS DE FILHOS NATIMORTOS E NEOMORTOS

Para ambos os casais estudados, a vivência da gestação foi pensada e elaborada para um determinado tempo após o casamento, ter um filho fazia parte de um planejamento que respeitava uma organização estrutural e material do casal. Toda a gestação foi cercada de cuidados, expectativas e sonhos, pois o bebê tão esperado representou uma reconstrução de vida para família e teve seu lugar idealizado como novo membro familiar e condutor de felicidade.

“Foi planejado. A gente casou, a gente já pensava em esperar um pouco para ter filho e, aí no momento que a gente achou que era hora, que a casa começou a ficar um pouco vazia (sic), grande demais pra dois a gente decidiu a começar a tentar.” (Mãe de Pedro)

Apenas uma das famílias teve conhecimento do risco de morte durante a gestação. A família de Pedro foi informada dos riscos devido às más formações do feto, mas conseguiu levar a gestação até a 38ª semana, quando o parto teve que ser induzido devido ao grande aumento de líquido. Pedro nasceu, mas já sem vida. A família de Lívia não teve complicações durante a gestação, mas foi surpreendida por um mal estar na 28ª semana que levou ao parto prematuro, e Lívia faleceu alguns minutos após o parto com parada cardíaca.

É importante considerar a diferença entre o feto natimorto do neomorto. O feto natimorto é quando a morte do bebê ocorre dentro do útero e neomorto quando a morte ocorre até o sétimo dia do nascimento (MUZA et al., 2013). Percebe-se, então, o início de um doloroso processo de elaboração e aceitação dessa perda, pois quando são contrários os resultados esperados e a mãe recebe a notícia da morte do filho ainda durante a gestação ou no momento do parto, o percurso construído é rompido, dando início a um doloroso e longo processo de luto para os pais e toda a família, conforme aponta Freire (2012).

“Eu não acreditava. Eu acho que não existe pai e mãe que acredita. Eu não achava que ele ia morrer.” (Mãe de Pedro)

Os pais diante da morte do filho

Para Lovato e Kruehl (2012), a perda do bebê interrompe a construção de vínculos afetivos mais fortes, quebram-se memórias que já eram vividas subjetivamente pelos pais, por meio de suas expectativas e projeções sobre o futuro da criança no seio familiar, de modo que a ausência da criança é profundamente sentida. Para Aguiar e Zornig (2016), a gravidez é um momento de crise

A DOR SILENCIOSA DOS PAIS DE FILHOS NATIMORTOS E NEOMORTOS

existencial que, quando caminha para o parto do natimorto, implica em um duplo luto, instaurando um vazio interno e externo sentido na perda do filho, que se torna um “fantasma”.

“Sinto ser pai mesmo com esse problema da criança, mas a gente não deixa de sentir uma falta do que a neném representa pra gente, tivemos uma preparação aguardando e não ocorreu da forma esperada...estranho até parece que não está acontecendo, parece um sonho que foi interrompido aquele momento.” (Pai de Lívia)

Os pais entrevistados apresentaram uma profunda sensibilidade e dor diante da perda do bebê. Pode-se observar que, como nos aponta Kluber-Ross (2008), os pais apresentaram, de maneira individual, no mínimo, dois dos cinco estágios apresentados por ela das fases do luto. Tiveram reações imediatas de choro, diferentemente das mães que, ao receber a notícia de morte, ficaram inertes e não conseguiram expressar emoção nesse primeiro momento, denominada por Ross (2008) como depressão. Todavia, os pais, mesmo diante da dor, são impelidos a aderir a um comportamento de cuidador, protetor da mãe que agora sofre sem o filho. Para Lima e Fortim (2015), a vivência do luto é singular e não linear, caminhando para a recuperação ou a evitação.

Para as mães, a negação e o isolamento foram as fases que se apresentaram de imediato no momento da notícia de morte, permitindo que o sofrimento se instalasse e durasse de maneira subjetiva. Logo após, é possível observar as outras fases; raiva, barganha, depressão e aceitação. Nos pais, é possível observar que também passaram pelas mesmas fases, de maneira muito intensa. Contrário às mães, para eles, o que se manifesta de imediato é a aceitação acompanhada de profunda tristeza, mas os cuidados, a preocupação com a mulher e as atitudes que precisam ser tomadas os impedem de dar-se o tempo para absorver o sofrimento. Lima e Fortim (2015) apontam a morte como um esvaziamento de sentido, para a qual falta definição, devendo ser sentida em silêncio, uma vez que as manifestações públicas de dor podem ser consideradas vergonhosas e até patologizadas, tornando a morte um tabu, ao qual se pode reagir de diferentes formas.

“Na hora eu “num guentei”, eu chorei e fiquei preocupado com ela porque ela ficou parada né? Eu ficava observando ela daquele jeito depois pensando o que eu podia fazer pra ajudar mas ao mesmo tempo eu também tava passando por isso. Mas eu sempre mais preocupado com ela.” (Pai de Pedro)

“Deu que eu chorei muito, da hora que eu estava no hospital até ter que levar a neném embora, que eu tive que ficar com ela no hospital e não conseguia parar de chorar e chorava muito mas aí depois foi passando, peguei no bebê.” (Pai de Lívia)

“A gente se sente na obrigação de proteger, querendo fazer proteção, o que eu fiz foi tirar

A DOR SILENCIOSA DOS PAIS DE FILHOS NATIMORTOS E NEOMORTOS

pra ver se amenizava pelo menos um pouco pra ela.” (Pai de Livia)

É possível observar com clareza o quanto o papel social para os gêneros interferem diretamente na sua maneira de sentir e elaborar a perda. O homem, responsável pelo cuidado, proteção e por prover o sustento, se coloca à margem do sofrimento para dar conta de amparar a mãe que imerge em profunda dor, pois foi ela quem carregou a criança no próprio ventre e “sente” mais que ele (DE OLIVEIRA, 1998).

“Nós ficamos lá, rezamos, fizemos o batismo dele, tiramos foto, só não quis carregar, tava no colo dela e eu não queria tirar dela. Ela me perguntou se eu queria, mas deixei, saiu de dentro dela, tava no colo dela, eu não vou tirar não, só quis deixar no colo dela.” (Pai de Pedro)

Segundo Freud (1917/2006), a mãe que sofre perdas fetais é ferida narcisicamente, pois o bebê não é um objeto exterior, mas faz parte do corpo da mulher. É possível observar essa ferida na relação da mãe com o próprio corpo e com o cônjuge durante a gestação e após o nascimento. Aqui a intervenção da psicologia se faz necessário, para ajudar a mãe nesse processo de identificação e o casal a não entrar em conflito em suas relações homem-mulher.

“[...] logo no começo eu já sentia a mudança da vida, né, porque às vezes você está assim no dia normal: ah minha cabeça doeu, ah vou tomar um remédio, e essas coisinhas que já fui vendo, perai já não sou eu mais, eu já não posso pensar mais assim em mim, eu tenho uma responsabilidade, eu tenho uma outra vida que depende das minhas atitudes.” (Mãe de Pedro)

“Eu acho que todas as mulheres passam por isso, depois que a gente tem um filho nosso corpo é do nosso filho. [...] meu corpo era de Pedro, então passou o resguardo eu não tive vontade nenhuma de ter relação, as primeiras vezes que eu tive eu chorava porque era como se eu tivesse desrespeitando Pedro.” (Mãe de Pedro)

Depedida do bebê

Tanto os pais de Pedro quanto de Livia quiseram ver o bebê, e puderam ter um momento de privacidade propiciado pela equipe da maternidade. Esse momento foi destacado como muito importante para eles, pois puderam de alguma forma conviver com o bebê, conhecê-lo, observar as características e até com fotografias registrar esse momento doloroso e único para eles.

“Foi bom para nós, pois penso que se não tivéssemos pegado seria mais doloroso pra nós, as características para ver como era, o pouco que foi, não foi da forma esperada, mas foi bom.” (Pai de

A DOR SILENCIOSA DOS PAIS DE FILHOS NATIMORTOS E NEOMORTOS

Lívia)

“Mas foi muito tranquilo, a gente tirou as fotos dele que a gente queria que as meninas vissem, que as pessoas conhecessem. [...] a gente ficou um tempo que achamos que devia e aí a gente entregou ele pra enfermeira.” (Mãe de Pedro)

“[...] a enfermeira saiu e deixou a gente a sós,”E” ficou segurando ela, depois eu pedi e colocaram ela no meu colo, ficamos olhando e depois tapamos o rostinho dela.” (Mãe de Lívia)

“[...] eu acho que todas as mães e pais deveriam ser incentivados a carregar. Por mais que fale assim eu não quero, mas eu acho que deveria ter um psicólogo...que orientasse a carregar. Porque eu acho que depois fica, pra quem não carrega, eu acho que deve ficar um vazio, uma coisa muito grande.” (Mãe de Pedro)

Despedir-se do bebê, apesar de sua importância para o processo de elaboração do luto, reconhecendo que houve a perda, se torna um momento também de decisões, apesar da intensa dor vivenciada. Os pais imersos, nesse sofrimento, precisam tomar decisões em um curto espaço de tempo no que diz respeito a querer ver ou não a criança, a proporcionar aos familiares conhecer ou não o bebê. Também há os ritos fúnebres e, em alguns casos, como no de Pedro, autorizar ou não a necrose para estudo, uma vez que não ficou clara a causa da morte, apesar da suspeita de uma síndrome rara, o que favorecia um aconselhamento genético. O apoio familiar nesse momento é de extrema importância como um suporte para que os pais possam viver esse momento com qualidade e dignidade de quem sofre.

“Eles queriam que ele ficasse lá pra fazer a necropsia e pra estudo deles né? Mas, era uma decisão muito complicada pelo seguinte; era essa dor que eu tinha contra naquele momento ou ele fica ou é a oportunidade que todo mundo que amou Pedro conhecer ele.” (Mãe de Pedro)

A vivência dos ritos fúnebres para os pais se apresentou como intrínsecos, para a elaboração do luto. Naquele momento, os pais puderam expressar sua dor dando lugar a um equilíbrio psíquico com as emoções mais elaboradas, apesar das dificuldades apresentadas por eles para estarem presente no momento do sepultamento, ambos destacam um sentimento de alívio ao enterrar a criança ou ter contato com seu sepulcro (MUZA et al., 2013).

“Depois Deus me deu a chance de fazer o meu enterro, meu primo morreu, a cova era a mesma. Aí aproveitei que tava aberto e fui matei a curiosidade de como era o caixão dele, aí eu fiz o meu enterro e só sosseguei depois disso. Mas quantas mães não têm sossego? Tem esse sossego depois?” (Mãe de Pedro)

“[...] eu queria voltar pra fazer a lápide e tudo, perguntei onde era e me mostraram, daí

A DOR SILENCIOSA DOS PAIS DE FILHOS NATIMORTOS E NEOMORTOS

coloquei uma rosa e um tercinho, pois não tinha nada, mas eu não pedi pra ninguém fazer ,queria que fosse nós dois.” (Mãe de Lívia)

“No sepultamento, foram meus irmãos que fizeram, pois tive que ficar com “V”, eu fiz alguns processos e os outros pedi a eles, eu não pensava, a reação que tive foi de chorar bastante.” (Pai de Lívia)

No caso de natimorto, a legislação não autoriza o registro civil do nome escolhido para o bebê, o que representa outra dor para os pais. É redigida apenas a certidão de óbito com as características físicas da criança, dia, local e hora do nascimento e o nome dos pais. Já no caso do neomorto, é possível fazer a certidão de nascimento. Para a família de Pedro, foi muito doloroso não poder registrá-lo com o nome escolhido, especialmente por ele já ser acolhido e amado no seio familiar.

“É outro caso que é muito doído para os pais. Porque ainda mais no caso de natimorto, você praticamente levou a gravidez inteira, então a criança já tem nome, já tem quarto, já tem uma história e a lei não permite você por o nome.”(Mãe de Pedro)

Outro processo é desfazer-se dos objetos adquiridos para a chegada do bebê, desfazer o quarto e retornar à casa, para a antiga rotina parece ser para os pais forçar-se a aceitar como fracasso esse percurso gestacional interrompido. Segundo Lovato (2012), uma depressão pode surgir devido à necessidade de provas reais de que o bebê realmente existiu, isso impele um cuidado maior por parte da família e uma atenção profissional psicológica para ajudar esses pais a viverem esse momento. Todos os pais guardam objetos que compraram para o bebê como uma lembrança deles, para eles é mais uma prova física de que realmente ele existe e existe. As poucas provas físicas da existência do bebê dificultam o processo de luto, tornando a perda irreal e vazia. Assim, os pais guardam pequenas lembranças temendo que os poucos traços da existência do bebê possam ser apagados (AGUIAR; ZORNIG, 2016).

“Voltar pra casa foi difícil, no sentido assim, a nossa casa já tinha a cara de Pedro. É estranho porque muita gente nem imagina, ah criança nem viveu, nem teve dentro de casa, nem correu dentro de casa, mas a casa estava extremamente vazia e era a coisa mais esquisita do mundo.” (Mãe de Pedro)

“Não tivemos condições de vim pra casa, foi para casa da minha sogra, da mãe dela, pois ainda tinha muita coisa aqui, coisa dela que estava preparando, aí tive que vir e ir guardando as coisas aos poucos.” (Pai de Lívia)

“E tudo que você vê são coisas que a gente não vai poder viver, então, assim, o viver depois

A DOR SILENCIOSA DOS PAIS DE FILHOS NATIMORTOS E NEOMORTOS

é muito mais difícil. Então, assim, é preparar porque é um sofrimento pra vida toda, essa dorzinha ela vai ser a vida toda.” (Mãe de Pedro)

Apesar de todo o processo vivido de forma dolorosa e traumática, ambos os casais pensam em uma nova gestação, mesmo com medos e angústias de ter que reviver o processo de perda. Todavia, o contato com outras experiências, o acompanhamento psicoterápico têm mediado essa angústia para a acolhida de outro filho na vida desses casais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo permitiu uma abordagem sobre a dor silenciosa dos pais de filhos natimorto e neomorto, possibilitando maior abertura e esclarecimento aos pais que tiveram contato com essa dolorosa experiência. Foi possível compreender a breve e significativa presença desse filho, significando o seu espaço para o social e a importância da busca de um auxílio psicológico para esse enfrentamento. Entendeu-se que há uma grande dor para os pais quando ocorre a morte do filho no período gestação, que é somada à falta de sensibilidade e preparo social para o enfrentamento/aceitação desse luto. A construção social de que o gênero masculino não sente tanto quanto o feminino dificulta o processo dos pais para expressar suas emoções, e os inibem de assumir sua vulnerabilidade diante da morte do filho.

Falar sobre essa perda e seus significados para os pais facilita a criação de repertórios e estratégias para a elaboração do luto, sobretudo para a mãe que tende a ficar em estado mais debilitado de choque que o pai, levando em conta seus papéis sociais. Para tanto, os pais necessitam de um olhar mais voltado para si sobre a representação do bebê, para a liberdade de viver o seu sofrimento e ter espaço para se manifestar afetivamente diante da perda do filho que de fato existiu em suas vidas e merece ser registrado, nomeado, amado.

Desenvolver este estudo com pais e mães de natimorto e neomorto possibilitou avaliar os impactos psicológicos sofridos por eles, e quão significativo e necessário é o trabalho da psicologia para esse público. É pertinente ampliar a discussão do tema dentro da psicologia e pensar em possibilidades de intervenção com os pais e também com as famílias que se preparam, mas não chegam a acolher o bebê. Trabalhos em grupo devem ser considerados como excelente ferramenta para os enlutados, pois o contato com outras experiências fortalecem e encorajam os pais para seguir adiante no seu projeto de vida familiar. Percebeu-se que a simbiose que acontece entre mãe e filho tem um significado bastante amplo e que precisa ser mais investigada, pois, quando ocorre a perda,

A DOR SILENCIOSA DOS PAIS DE FILHOS NATIMORTOS E NEOMORTOS

a mãe tem dificuldades em corresponder às suas relações cotidianas, sobretudo com o cônjuge.

Agradecimentos

Agradecemos aos pais participantes desta pesquisa que cederam seu tempo para compartilhar corajosamente um pouco desta experiência dolorosa.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Helena Carneiro; ZORNIG, Sílvia. Luto fetal: a interrupção de uma promessa. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 264-281, ago. 2016. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282016000200001&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 12 jun. 2017. <http://dx.doi.org/http://dx.doi.org/0.11606/issn.1981-1624.v21i2p264-281>

BARBEIRO, F. M. S. et al. **Óbitos fetais no Brasil: revisão sistemática.** Revista de Saúde Pública, São Paulo, v. 49, p. 1-15, jan, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v49/pt_0034-8910-rsp-0034-89102015049005568.pdf>. Acesso em: 5 de abr. 2016.

DE OLIVEIRA, Pedro Paulo. **Discursos sobre a masculinidade.** Estudos Feministas, v. 6, n. 1, p. 91, 1998. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/viewArticle/12036>>. Acesso em: 11 de nov. 2016.

FREIRE, T. C. G. P. **Transparência psíquica em nova gestação após natimorto.** 2012. 115 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11514/1/2012_TeresaCristinaGuedesPaulaFreire.pdf. Acesso em: 15 de abr. 2016.

FREUD, S. (1917). **Luto e melancolia.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud (Vol. 14, pp. 245-263). Rio de Janeiro: Imago, 2006.

KLUBER-ROSS, E. **Sobre a morte e o morrer:** o que os doentes terminais têm para ensinar a médicos, enfermeiros, religiosos e aos seus próprios parentes. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LIMA, Sabrina; FORTIM, Ivelise. A escrita como recurso terapêutico no luto materno de natimortos. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.**, São Paulo, v. 18, n. 4, p. 771-788, Dec. 2015. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142015000400771&lng=en&nrm=iso>. access on 12 June 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2015v18n4p771.12>.

LOVATO, M. A.; KRUEL, C. S. **As dores observadas em uma maternidade:** Uma revisão da literatura. Santa Maria: UNIFRA, 2012. Estudo - Relatório final de Estágio Específico I, Curso de Psicologia, Centro Universitário Franciscano, Rio Grande do Sul, 2012. Disponível em:

A DOR SILENCIOSA DOS PAIS DE FILHOS NATIMORTOS E NEOMORTOS

<<http://www.unifra.br/eventos/sepe2012/Trabalhos/5583.pdf>> Acesso em: 09 abr. 2016.

MUZA, J. C. et al. **Quando a morte visita a maternidade:** atenção psicológica durante a perda perinatal. *Revista de Psicologia: Teoria e Prática*, v.15(3), p.34-48, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872013000300003> Acesso em: 16 de abr. 2016.

VELASCO, M. H.; MAGALHÃES, A. S. **Da expectativa de vida à descoberta da morte:** a mulher diante da gestação molar. 2013. 128 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <http://www.dbd.puc-rio.br/pergamum/tesesabertas/1111681_2013_completo.pdf> Acesso em: 15 de abr. 2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PERNAMBUCO (UFPE). **Técnicas de Análise Qualitativas.** Centro de Informática, 2006. Disponível em: <<http://www.cin.ufpe.br/~pcart/metodologia/pos/Mayring043.pdf>> Acesso em: 2 de abr. 2016.